

**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**

**Filosofia Política,
Educação, Direito e
Sociedade 7**



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Filosofia, Política, Educação, Direito e
Sociedade 7

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

F488 Filosofia, política, educação, direito e sociedade 7 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Filosofia, Política, Educação, Direito e Sociedade; v. 7)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-100-8

DOI 10.22533/at.ed.008190402

1. Ciências sociais. 2. Direito. 3. Educação. 4. Filosofia. 5. Política.
6. Sociedade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 300.5

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Caros leitores,

Bem-vindos ao livro *Filosofia Política, Educação, Direito e Sociedade*.

Meu desejo é construir junto com vocês alguns modos de existência experiências filosóficas diversificadas e intensas!

O livro permitirá entrar no mundo fascinante em que o pensamento se pensa a si mesmo. Se vocês já têm contato com a reflexão filosófica, encontrarão aqui caminhos para ir mais longe.

Tudo neste livro foi elaborado com cuidado para oferecer possibilidades de compreender filosoficamente a nós mesmos, aos outros e ao mundo.

Os volumes abrem as portas da Filosofia aos que não a conhecem e convida os que já a conhecem a atravessá-las com olhar renovado com uma coleção de temas bastante significativos em nossa vida cotidiana e que aqui são tratados filosoficamente. Contribui para o estudo sistemático da história do pensamento filosófico seja individualmente, seja com seus companheiros de escola, vocês poderão ler este livro de maneira linear, quer dizer, indo do começo ao fim.

O livro contém ainda uma grande quantidade de textos além de recursos culturais (documentos científicos, filmes, obras literárias, pinturas, músicas etc.) dos quais nascem as reflexões aqui apresentadas ou que podem ser tomados como ocasião para continuar a filosofar.

O que proponho é que filosofemos juntos, quer dizer, que pratiquemos juntos atos filosóficos em torno de assuntos diversos, procurando desenvolver o hábito da Filosofia ou do filosofar. Vocês perceberão que a atividade filosófica vai muito além da formação escolar, porque envolve muitos senão todos aspectos da nossa vida. No entanto, a escola continua sendo um lugar privilegiado para praticar a Filosofia, pois nela temos a possibilidade de nos beneficiar da companhia de nossos professores, amigos, colegas e todos os membros que compõem o ambiente formativo.

Espero que vocês aproveitem ao máximo a minha proposta e tenham o desejo de ir além deste livro, encontrando os próprios filósofos e filósofas, obtendo muito prazer com a atividade de pensar sobre o próprio pensamento.

Toda filosofia é um combate. Sua arma? A razão. Seus inimigos? A tolice, o fanatismo, o obscurantismo. Seus aliados? As ciências. Seu objeto? O todo, com o homem dentro. Ou o homem, mas no todo. Sua finalidade? A sabedoria. Este livro é uma porta de entrada para a filosofia, permitindo ao leitor descobrir as obras para constituir futuramente sua própria antologia.

Com o objetivo de ampliar as discussões sobre as políticas públicas de educação no Brasil contemporâneo, com fundamentação histórica e filosófica, o projeto procurou possibilitar a reflexão sobre as formas de contribuição dos movimentos sociais para a sua ampliação, as lutas pelo reconhecimento da diversidade dos seus sujeitos, assim como levantar questões que condicionam as políticas de inclusão aos determinantes

econômicos.

Ciente da complexidade das discussões propostas nesta publicação, visamos agregar e divulgar para a comunidade acadêmica, profissionais da educação, representantes dos movimentos sociais e instituições interessadas no tema, algumas reflexões sobre as políticas públicas de educação implementadas no Brasil após a Constituição Federal de 1988 – Constituição Cidadã. Agradecemos a todos que contribuíram para esta publicação, principalmente aos autores que disponibilizaram artigos. Esperamos que este livro venha a ser um importante instrumento para os avanços na concretização das políticas de educação no Brasil contemporâneo.

Boa leitura!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO HOSPITALAR E A IMPORTÂNCIA DOS CUIDADOS PALIATIVOS	
Bárbara Alves de Jesus	
Fernanda Duarte Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.0081904021	
CAPÍTULO 2	8
O ESPAÇO RESERVADO AO LÚDICO NA ROTINA DE TRABALHOS EM UM CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL	
Fabiana Aparecida Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.0081904022	
CAPÍTULO 3	16
PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO FÍSICA EM MOVIMENTO: PRÁTICAS INCLUSIVAS NA UFG/RC	
Thais Ferreira dos Santos	
Aline Rosa da Costa	
Thimoteo Pereira Cruz	
Nubia de Fatima Felix Ferreira	
Tacila da Costa Marinho	
Isabella Oliveira Pacheco	
Nayane Alves Pereira	
Laryssa Silva Santana	
DOI 10.22533/at.ed.0081904023	
CAPÍTULO 4	25
FORMAÇÃO CONTINUADA EM ONTOPSICOLOGIA: SIGNIFICADOS E SENTIDOS	
Carmen Ivanete D`Agostini Spanhol	
DOI 10.22533/at.ed.0081904025	
CAPÍTULO 5	37
JUVENTUDE, CULTURA MUDIÁTICA E EDUCAÇÃO NO SÉCULO XXI	
Luiz Fernando Ribeiro de Paiva	
José Carlos Souza Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.0081904025	
CAPÍTULO 6	44
A PERSISTÊNCIA DOS CAMPONESES NA PROPRIEDADE RURAL: UM ESTUDO DE CASO DA COMUNIDADE RIBEIRÃO EM CATALÃO (GO)	
Matheus Santos Medeiros	
Hugo Henrique Sousa de Lisboa	
João Manoel Borges de Oliveira	
Mariana Melo Mesquita de Siqueira	
Rener Rodrigo Pires	
Talita Neri Caetano de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.0081904026	

CAPÍTULO 7	52
O ENSINO EM MATO GROSSO SEGUNDO O OLHAR DO PRESIDENTE DE ESTADO DOM AQUINO CORREA	
Emilene Fontes de Oliveira Thalita Pavani Vargas de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.0081904027	
CAPÍTULO 8	63
REDESCOBRINDO O HUMANO: ANTAGONISMOS COLETIVOS E A BUSCA PELA EMANCIPAÇÃO	
Gisele da Silva Rezende da Rosa Josiane Custódio de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.0081904028	
CAPÍTULO 9	68
TRADUÇÃO E EQUIVALÊNCIA: UMA ANÁLISE CONTRASTIVA ENTRE O DISCURSO ORIGINAL DE DONALD TRUMP E SUA RESPECTIVA TRADUÇÃO	
Maria Laura Golfiere Moura Leila Maria Gumushian Felipini	
DOI 10.22533/at.ed.0081904029	
CAPÍTULO 10	84
REFLEXÕES SOBRE A AVALIAÇÃO DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM A PARTIR DE FILMES E DOCUMENTÁRIOS	
Paula Santana Carvalho Adriana Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.00819040210	
CAPÍTULO 11	97
REFLEXÕES SOBRE LITERATURA E CINEMA E BREVE DISCUSSÃO SOBRE A PERSONAGEM FEMININA	
Carla Rosane da Silva Tavares Alves Andréia Mainardi Contri	
DOI 10.22533/at.ed.00819040211	
CAPÍTULO 12	109
SABERES E PRÁTICAS EM PROCESSOS FORMATIVOS DE PROFESSORES NA EDUCAÇÃO POPULAR	
Lucinete Gadelha da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.00819040212	
CAPÍTULO 13	119
REALIZANDO PESQUISAS COM BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS: CENAS DO PROTAGONISMO INFANTIL	
Viviane dos Reis Silva Tacyana Karla Gomes Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.00819040213	

CAPÍTULO 14	128
PRIMEIRAS LIÇÕES DE CULTURA E CIDADANIA NO <i>SEGUNDO LIVRO DE LEITURA PARA A INFÂNCIA</i> : NA ESCOLA E NO LAR, DE THOMAZ GALHARDO	
Valdeci Rezende Borges Elmar Severino Ribeiro Junior	
DOI 10.22533/at.ed.00819040214	
CAPÍTULO 15	144
PESQUISAS COM CRIANÇAS EM CONTEXTOS RURAIS: VISIBILIDADES, APROXIMAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS E REFLEXÕES	
Patrícia Júlia Souza Coêlho	
DOI 10.22533/at.ed.00819040215	
CAPÍTULO 16	154
OS MANUAIS DE CIVILIDADE NO JORNAL, <i>O PUBLICADOR</i> (1862-1886)	
Carolina Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.00819040216	
CAPÍTULO 17	164
UM ESTUDO SOBRE A DEMANDA DO CURSO TÉCNICO EM PESCA DO INSTITUTO FEDERAL DO CEARÁ, CAMPUS ACARAÚ, NA VISÃO DOS PAIS DOS ALUNOS DA 3ª ETAPA DO ENSINO MÉDIO	
Juliane Vargas	
DOI 10.22533/at.ed.00819040217	
CAPÍTULO 18	177
OS VALORES SOCIAIS E O ENSINO SUPERIOR NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO	
Herika Paiva Pontes Luana de Sousa Oliveira Rafaela Lima Nascimento Maria Helena de Agrela Gonçalves Jardim Geraldo Bezerra da Silva Júnior Mirna Albuquerque Frota	
DOI 10.22533/at.ed.00819040218	
CAPÍTULO 19	184
POLÍTICAS PÚBLICAS, EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E CAMPESINATO: DA COLÔNIA AGRÍCOLA AO IF GOIANO <i>CAMPUS CERES</i>	
Marco Antônio de Carvalho Claudecir Gonçalves Léia Adriana da Silva Santiago	
DOI 10.22533/at.ed.00819040219	
CAPÍTULO 20	198
POLÍTICA DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL DOCENTE – A NORMA GERAL DE AÇÃO (NGA) DO COLÉGIO MILITAR DE CAMPO GRANDE (CMCG) – MS	
Ferdinanda Dias de Oliveira Kloppel	
DOI 10.22533/at.ed.00819040220	

CAPÍTULO 21 210

EMPRESA: OPORTUNIDADE PARA O JOVEM FAZER, SABER E SER -A PEDAGOGIA DA AÇÃO: DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL E PRÁTICO

[Bernardina Teresinha Amantino](#)

DOI 10.22533/at.ed.00819040221

CAPÍTULO 22 214

PERFIL DOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL II E A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DOCENTE

[Carla Geovana Fonseca da Silva de Castro](#)

[Luciane Helena Mendes de Miranda](#)

[Vera Maria Nigro de Souza Placco](#)

DOI 10.22533/at.ed.00819040222

CAPÍTULO 23 226

PERFIL DE PRODUTORES AGRÍCOLAS E EDUCAÇÃO ORÇAMENTÁRIA: CONSIDERAÇÕES PARA PARTICIPANTES DE FEIRA AGROECOLÓGICA, ASSISTIDOS PELA ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE BASE – CRATO – CE

[Valéria Feitosa Pinheiro](#)

[Guilherme Silva Nascimento](#)

[Christiane Luci Bezerra Alves](#)

[José Alex do Nascimento Bento](#)

[Adriana Correia Lima Franca](#)

DOI 10.22533/at.ed.00819040223

CAPÍTULO 24 238

A CATEGORIA TRABALHO EM TEMPOS DE CRISE DO CAPITAL

[Ingridy Lammonikelly da Silva Lima](#)

[Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida](#)

[José Rangel de Paiva Neto](#)

DOI 10.22533/at.ed.00819040224

CAPÍTULO 25 249

A COMISSÃO DE SANEAMENTO E PROFILAXIA RURAL DA PARAÍBA: OS LIMITES DA INSTITUCIONALIZAÇÃO

[Silvera Vieira de Araújo Holanda](#)

DOI 10.22533/at.ed.00819040225

CAPÍTULO 26 261

TERRITÓRIOS MULTIDIMENSIONAIS: INTELIGENCIA CULTURAL E EDUCAÇÃO SOCIAL EM COMUNIDADES FAXINALENSES DO PARANÁ

[Tiago Augusto Barbosa](#)

[Franciele Moreto](#)

DOI 10.22533/at.ed.00819040226

CAPÍTULO 27 270

RESULTADO DO PISA NO PIAUÍ: O QUE MUDA NA GESTÃO EDUCACIONAL?

[Nemone de Sousa Pessoa](#)

[Jovina da Silva](#)

DOI 10.22533/at.ed.00819040227

CAPÍTULO 28 284

A CIDADE NOS FAZ PENSAR

Daniela da Rosa Molinari

Marcele Scapin Rogério

DOI 10.22533/at.ed.00819040228

CAPÍTULO 29 295

REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL E ESTUDOS DE GÊNERO

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Karla Cristina Vicentini de Araujo

Viviane Oliveira Augusto

Gabriella Rossetti Ferreira

Paulo Rennes Marçal Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.00819040229

SOBRE A ORGANIZADORA..... 304

REFLEXÕES SOBRE LITERATURA E CINEMA E BREVE DISCUSSÃO SOBRE A PERSONAGEM FEMININA¹

Carla Rosane da Silva Tavares Alves

Doutora em Letras (UFRGS). Docente e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social (UNICRUZ). Pesquisadora e Coordenadora do GEPELC – Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Linguagens e Comunicação. Orientadora da Pesquisa. E-mail: ctavares@unicruz.edu.br

Andréia Mainardi Conti

Mestranda em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta. Membro discente do GEPELC. Este trabalho foi realizado ainda quando a pesquisadora era acadêmica do Curso de Letras, na UNICRUZ. E-mail: deiamainardi@bol.com.br

RESUMO: Neste artigo, são apresentados os estudos realizados referentes ao projeto de pesquisa “A construção do feminino: olhar nas gerações de *A casa dos espíritos*”. O projeto buscou contribuir com as reflexões literárias e cinematográficas, a partir dos estudos da linguagem, enquanto mecanismo de investigação das questões de gênero e representação feminina. A pesquisa teve por objetivo oportunizar o estudo e análise das questões de gênero, representação feminina,

a partir do romance *A casa dos espíritos*, de Isabel Allende. Nesse sentido, apresentam-se também algumas discussões realizadas sobre a literatura e a película cinematográfica estudada.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Cinema. Linguagem. Gênero.

ABSTRACT: In this article, it is presented the studies carried out concerning the research project “The construction of the feminine: a look at the generations of *A casa dos espíritos*”. The project sought to contribute to literary and cinematographic reflections, based on language studies, as a mechanism for research on gender issues and female representation. The research had as objective to facilitate the study and analysis of foundations of gender and feminine representation, from the novel *A Casa dos Espíritos*, by Isabel Allende. In this sense, we also present some discussions about the literature and the cinematographic film studied.

Keywords: Literature. Movie Theater. Language. Genre.

1. Em sua elaboração, este artigo contempla partes dos textos *A construção de personagens femininas no espaço da literatura e do cinema* e *A casa dos espíritos: literatura e cinema - personagens femininas, no âmbito da análise comparada*, de nossa autoria, publicados nos Anais do XVII Seminário Internacional do Mercosul, Cruz Alta: UNICRUZ, junho 2015, e XX Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão. Cruz Alta: UNICRUZ, novembro, 2017.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo apresenta os primeiros resultados do subprojeto “A construção do feminino: olhar nas gerações de *A casa dos espíritos*”, do projeto PIBIC-CNPq/UNICRUZ, denominado “Práticas socioculturais: a representação pela arte literária e cinematográfica”, vinculado ao GEPELC – Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Linguagens e Comunicação.

Inicialmente, foi feito um levantamento teórico sobre o desenvolvimento da linguagem e seu contexto intertextual que envolve a literatura e o cinema, bem como uma breve apresentação da literatura enquanto prática social. Logo após, apresenta-se uma breve introdução sobre o período literário da obra em estudo *A casa dos espíritos*, de Isabel Allende (publicado inicialmente em 1982²). Por fim são discutidas questões relativas à identidade feminina na obra, em paralelo com a versão cinematográfica, que leva o mesmo título, com direção de Billie August (1993).

O subprojeto está inserido na linha de pesquisa de Linguagem, comunicação e sociedade, e a pesquisa é qualitativa, de caráter bibliográfico e hermenêutico. Para isso, os estudos buscam um vínculo entre conhecimentos da literatura e da cinematografia, com o propósito de contribuir com os estudos de gênero e representação feminina, que se tornam visíveis pela linguagem e nos recursos imagéticos utilizados pela película cinematográfica.

1 | A LITERATURA E SEU ASPECTO SOCIOCULTURAL

Enquanto arte, a literatura constrói e reconstrói mundos e, como tal, nela se encontram personagens que protagonizam atos humanos capazes de influenciar gerações, alicerçar e transformar conceitos e pensamentos. Vista sob essa perspectiva, a literatura é vida, sentimento e expressão social. Assim, por meio dela, torna-se possível o contato com outros pensamentos, outras verdades e outros conhecimentos, por isso se pode dizer que a literatura se constitui de um campo de formas e de representação dos mais variados sentidos.

Nessa perspectiva, a literatura pode ser vista como o reflexo dos anseios, das frustrações, contestações e até mesmo das satisfações da sociedade, nas obras produzidas. Como afirma Candido (2000), a literatura se torna um dos meios pelo qual se exerce a expressão da cultura social, através do constante diálogo dos textos que nasce dela e se reproduz nas ideologias dos leitores, exercendo influência sobre o meio em que circula.

Nas suas primeiras colocações sobre a literatura e as influências sobre o meio, Coutinho (2000, p. 29) lembra que um dos primeiros estudiosos que discutiu essa premissa foi Madame de Staél, na França e, segundo Coutinho “a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre”. É pelas

2. Neste texto, utiliza-se a edição de 2004.

obras que se retratam situações socioculturais que jamais seriam compreendidas, se esta arte não existisse, não somente fatos históricos, mas também pensamentos contemporâneos sobre determinados assuntos.

Uma obra de literatura é uma arte capaz de influenciar a sociedade em diversos fatores, Coutinho (2000, p. 20-21), ainda apresentando concepções de filósofos, afirma que ela “[...] produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais [...]”. Desta forma, é possível perceber a grande importância para a sociedade que a literatura pode oferecer, contribuindo com a própria formação do pensamento do leitor, seja pela apreensão de sua criação/proposição, seja pela possibilidade de abertura de espaço para a discussão, reflexão e crítica.

Discutindo um pouco mais sobre essa demonstração de possibilidades de relações que o homem e a sociedade podem estabelecer por meio da literatura, Candido (2000, p. 46) faz algumas considerações sobre a função social inserida nas obras:

A função social independe da vontade ou da consciência dos autores e consumidores de literatura. Decorre da própria natureza da obra, da sua inserção no universo de valores culturais e do seu caráter de expressão, coroada pela comunicação. Mas quase sempre, tanto os artistas quanto o público estabelecem certos desígnios conscientes, que passam a formar uma das camadas de significado da obra.

Nestas formações de camadas de significado da obra retratada por Coutinho (2000), pode-se aqui exemplificar as obras de um determinado período histórico, pois estas, mesmo individuais, carregam em seus escritos, características comuns a todas deste mesmo período, pois estão nelas incutidas ideologias da época, que com o passar do tempo sofrem mutações e se tornam específicas para a época.

Nesse aspecto, as obras retratam uma mentalidade predominante do período histórico em que artistas e leitores se fizeram presentes. “A função social comporta o papel que a obra desempenha no estabelecimento de relações sociais, na satisfação de necessidades espirituais e materiais, na manutenção ou mudança de certa ordem na sociedade” (CANDIDO, 2000 p.46).

Cabe salientar, nessa discussão, que os papéis que a literatura assume variam com o tempo e as pessoas, cada obra possui seus objetivos e intenções que o autor deseja instaurar no leitor, previamente estabelecidos. Porém o autor nunca saberá quais foram os motivos que levaram o leitor a querer ler aquela obra, pois isso dependerá exclusivamente dos seus desejos, fazendo com que, muitas vezes, a obra passe a ter um novo olhar do leitor, uma vez que poderá ativar suas construções sociais previamente estabelecidas, a fim de o leitor compreender o que o autor deseja exprimir, podendo ocasionar outros entendimentos sobre um mesmo assunto.

A literatura é uma arte capaz de criar, a partir das palavras, vários sentidos. O papel do artista passa a ser o de um construtor e de um destruidor, pois em sua obra estarão sentimentos e verdades capazes de construir ideologias, ou de destruir, na medida em que o leitor realizar o ato de ler e interpretar. Assim, o leitor poderá

acreditar ou não nas palavras do autor, construir novas informações, ou simplesmente refutá-las.

Assim, nunca é de mais lembrar que a leitura literária assume vários aspectos, além de ser prazerosa, pode contribuir no enriquecimento tanto intelectual quanto cultural dos seus leitores, aprimorando o senso crítico e despertando novas experiências. Então, a literatura pode oportunizar encantamento diversão, conhecimento de mundo, sensibilidade e reflexão sobre a realidade. Tudo isso numa relação muito bem aceita entre a literatura e os aspectos socioculturais que influenciam a sociedade.

2 | AS RELAÇÕES ENTRE CINEMA E LITERATURA

O vínculo entre literatura e cinema foi estabelecido desde os primórdios da criação do cinema. Sua relação se dá de várias maneiras, e a comparação entre literatura e cinema mostra a intertextualidade entre essas artes e, com isso, o desenvolvimento de sua linguagem. De acordo com Avellar (2007, p.277), Eisenstein usou a literatura “[...] como um material de vida para se integrar e iluminar o filme”.

Dessa forma, neste texto, busca-se primeiramente contextualizar a literatura e o cinema em seu aspecto teórico, antes de se trazer as abordagens de gênero presentes em ambas as tessituras de *A casa dos espíritos*, com o intuito de oportunizar uma melhor compreensão das discussões, a seguir.

Sendo a literatura uma forma de arte, pode-se dizer que o artista dispõe de possibilidades para criar e recriar a realidade, detendo em suas mãos a capacidade de moldar o que deseja exprimir. Atua, assim, como um transformador de mundos, de ideias, de sentimentos, utilizando-se da linguagem para se expressar.

Weellek (1976) fala que “[...] a linguagem é o material da literatura, tal como a pedra ou o bronze o são nas esculturas, as tintas da pintura, os sons das músicas”. Dessa maneira, a linguagem é que constitui e dá formas à literatura.

Nessa direção, Coutinho (2000, p. 9-10) afirma que: “A literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade”.

A linguagem utilizada para a expressão do autor, na literatura, passa por uma transfiguração no momento em que cada leitor a realiza a leitura, pois além dos signos empregados, no texto, pelo autor, estão as subjetividades que constituem cada um. Como se percebe, literatura é vida, sentimento e é através dela que o sujeito tem contatos com outros pensamentos e outras verdades, como já dito anteriormente.

Essa arte tem se constituído num assunto de muitas discussões, dentre as quais as questões de concepção e função da literatura, tanto para a linguagem como para a função social que se permite estabelecer. E isso é decorrente do fato de que em cada período literário são atribuídos, além do aspecto artístico de produção de arte humana,

fatores condizentes com a realidade cultural e social da época.

A literatura também demonstra uma diversidade de significações que podem ser percebidas, a partir dos textos. Possibilita além de reflexões, ressignificações múltiplas diante dos mais variados temas que podem ser abordados, promovendo e desenvolvendo o senso crítico dos seus leitores e configurando, assim, uma forma de construção de conhecimento. Enfim, a literatura entendida como uma arte ou um fenômeno artístico se constitui de obras imortalizadas, ou até criações nunca apresentadas, que representam o fantástico mundo imaginário que o indivíduo, no seu interior, pode criar, obras que formam um leque de possibilidades de leitura.

Contri e Alves (2014) afirmam que a relação entre cinema e literatura não se limitou ao território das adaptações das histórias literárias. Alguns filmes passaram a utilizar personagens, situações e fragmentos de obras literárias, os quais se articulam na tessitura de um roteiro que dialoga com elementos extrínsecos à unidade do texto, colaborando para sua composição.

Por isso o cinema pode também incorporar outras formas artísticas, como: a pintura, a dança e a escultura, ocorrendo uma pluralidade de significados. Foi a partir dos estudos de Genette (1980) e Stam (2006) que se aponta para a intertextualidade decorrente da adaptação feita para o cinema como uma prática de transformação de um “hipotexto” (o texto original) que, em sua forma adaptada, pode ser transformado por meio de uma série de operações, como: seleção, amplificação, concretização, atualização, crítica e recontextualização.

Ao contrário de análises centradas na fidelidade do filme à obra literária, na relação intertextual não se prevê uma hierarquização de valores, podendo o filme ser analisado em todas as suas modificações ideológicas, técnicas, críticas e interpretativas, partes integrantes de qualquer processo de adaptação.

O cinema, por ter uma linguagem específica, que inclui tanto uma diversidade de gêneros narrativos como o uso de certas técnicas vinculadas à montagem, som e fotografia, pode dispor de relações intertextuais que são próprias a esse tipo de arte. Diversos filmes conseguem remeter a outros filmes, quando parodiam gêneros cinematográficos, como o do *western*, o filme de *gangster*, ou de qualquer outro gênero do cinema.

É nesse processo intersemiótico que a adaptação necessita ser vista não como uma segunda obra, necessariamente fidedigna a um romance ou a um texto histórico, mas como obra independente, capaz de recriar, criticar, parodiar e atualizar os significados do texto adaptado. Pensar o cinema apenas como arte ou somente como técnica pode causar o empobrecimento deste aporte cultural.

Em relação à aproximação entre literatura e cinema, Oliveira & Careli (2008, p. 3) ressaltam as distinções fundamentais, quanto ao envolvimento de elementos específicos de uma e outra arte, que, embora se complementem, são distintas, com suas peculiaridades próprias:

Enquanto na literatura há um ambiente pelo qual somos guiados a sentir os personagens de uma obra, o cinema envolve todos os sentidos e preenche sensações com imagem e som. São imaginários diferentes que preenchem sentidos diferentes, daí o princípio também de analisá-los de forma distinta.

Ao assistir a um filme, o telespectador vive uma realidade, mesmo que ficciosa, e movimenta-se com os personagens e seus papéis, como se estivesse em um sonho. Bernardet (1996, p.12) faz uma interessante comparação de cinema e sonho: “Um pouco como um sonho: o que a gente vê e faz num sonho não é real, mas isso só sabemos depois, quando acordamos. Enquanto dura o sonho, pensamos que é verdade”. Já Oliveira & Careli (2008, p. 1), argumentam que:

As formulações que caracterizam as narrativas dos filmes não são menos importantes do que a receptividade do espectador. É na projeção que esse espectador percebe o estoque de imagens. Para além das imagens, o imaginário. E aqui nos utilizamos do conceito de Deleuze para imaginário, para quem imagem, imaginário, imaginação pertencem à representação de um objeto ou a reprodução mental de uma sensação.

Atualmente, a indústria cinematográfica recorre com frequência às possibilidades de exploração da intertextualidade, com o propósito fundamental de ampliar a linguagem do cinema tradicional e oferecer ao público uma diversidade de textos e de elementos significativos. Acostumados a encontrar uma oferta abundante de linguagens, na Internet e nos ambientes digitalmente expandidos, os usuários agora esperam tal diversidade.

Turner (1997) afirma que um dos resultados da ruptura entre os estudos sobre cinema e uma tradição predominantemente estética é o abandono da ideia de que em um filme há um núcleo de significado, que o público deveria descobrir. Os significados são vistos como produtos da leitura de um público e não como uma propriedade. O público dá sentido aos filmes, e não meramente reconhece significados ocultos.

Por fim, percebe-se, numa breve discussão, que tal participação é uma necessidade nos ambientes comunicacionais atuais, pois os receptores não aceitam mais as informações com a passividade tradicional.

Para iniciar a discussão sobre a construção do feminino nas gerações, no âmbito do romance *A casa dos espíritos* (1982), de Isabel Allende, faz-se primeiramente necessário contextualizar a obra, quanto ao emprego de sua principal estratégia narrativa. Trata-se de uma obra latino-americana, que recorre à estratégia literária do realismo mágico, surgida no início do século XX, que também é conhecido por realismo fantástico, ou realismo maravilhoso, principalmente em espanhol.

No contexto histórico, o realismo mágico surgiu em um dos períodos mais conturbados da América Latina. Entre as décadas de 60 e 70, os países latino-americanos passavam por processos ditatoriais. Desta maneira, o realismo mágico surgiu como uma forma de reação, utilizando o elemento mágico como reforço das palavras contrárias aos regimes dos ditadores. Outro aspecto que influenciou o realismo mágico foi a discrepância entre cultura da tecnologia e cultura da superstição

que havia na América Latina, naquela época.

É importante destacar a constituição do feminino na literatura, sendo necessário atentar para o fato de que as questões de gênero constituem-se como um “[...] ato político, pois remetem às relações de poder inscritas nas práticas sociais e discursivas de uma cultura que se imaginou e se construiu a partir do ponto de vista normativo masculino”. (SCHMIDT, 1997, p. 185). E não é por acaso que até hoje a desigualdade entre os gêneros masculino e feminino ainda persistem em nossa sociedade.

Na literatura latino-americana, observam-se as publicações de mulheres escritoras, somente a partir da década de 1980. As publicações geralmente passam a propagar a voz e o olhar femininos sobre os fatos locais e eventos históricos importantes, sempre marcados por lutas. Isso porque a conquista de um espaço feminino sempre veio contrária à ideia de “[...] negação da legitimidade cultural da mulher como sujeito do discurso, exercendo funções de significação e representação” (SCHMIDT, 1997, p. 183). Alves (2015) apud Diniz (2009, p. 13) traz um recorte para exemplificar as condições de vida da mulher, no contexto literário:

A linguagem tem o poder de criar a realidade social através dos atos de elocução dos sujeitos falantes. É como se existissem dois planos de realidade: o sexo pertencente a uma realidade discursivamente construída, e essa realidade discursiva emerge de uma ontologia pré-social que explica a constituição do discurso. O direito de fala plena é, entretanto, conferido aos homens e negado às mulheres, como se eles tivessem nascido com a faculdade do universal, e a mulher tivesse nascido condenada ao particular.

Em relação à experiência pessoal de Allende sobre o golpe militar, há que se destacar que é brilhante e emocionante, refletindo a dor de toda uma geração de mulheres chilenas. Por outro lado, é necessário salientar que é o feminismo lírico que torna o romance *A casa dos espíritos* (1982) excepcional, prestando tributo à mulher chilena, em particular, e a todas as mulheres do mundo, em geral. Verifica-se que as atitudes das personagens da obra nem sempre estavam adequadas ao comportamento feminino imposto pela sociedade da época, pelo interesse do sistema patriarcal. Permitia-se ao homem o domínio da figura feminina, sendo esta manipulada em mãos masculinas e servindo como um objeto de seus desejos.

A casa dos espíritos (1982), de Isabel Allende, livro e sua versão cinematográfica em estudo, de Billie August (1993) narram a saga da família Trueba. Seu personagem masculino principal é o latifundiário e senador Esteban Trueba, que convive ao lado de mulheres dotadas de clarividência, como Clara, a esposa, e Alba, a neta, uma socialista, com visão de mundo contrária ao patriarca e seus asseclas e que se apresentam, no romance, como sujeitos ativos e constituintes de discurso.

Na figura da personagem Clara, a voz narrativa mostra a composição de uma mulher religiosa, que registrava pela escrita os acontecimentos da vida e com dotes de clarividência, bem como preocupada com a educação do povo de Las Tres Marías (ALLENDE, 2004, p. 116):

Desde o primeiro dia, Clara compreendeu que havia lugar para ela em Las Tres Marías e, como, aliás, registrou em seus cadernos de anotar a vida, sentiu que afinal havia encontrado sua missão no mundo. [...] Clara dividia seu tempo entre a oficina de costura, a venda e a escola, onde montou seu quartel-general para aplicar remédios contra a sarna e parafina contra os piolhos, desentranhar os mistérios da cartilha, ensinar as crianças a cantar tenho uma vaca leiteira, não é uma vaca qualquer, e ensinar as mulheres a ferver o leite, curar diarreia [sic] e alvejar a roupa.

Em meio às orientações de Clara às mulheres dos peões da fazenda, é possível acompanhar, pelo olhar do narrador, o pensamento limitado daquelas mulheres que não se enxergavam como seres humanos com uma função social e um papel que não fosse servir a seus maridos, que aceitavam a violência do homem contra elas próprias como uma espécie de direito masculino, entendendo, também, que quando o homem não batia na mulher significava ou falta de afeto ou, então, que era afeminado.

As personagens femininas, especialmente, Clara, Blanca e Alba, embora limitadas, muitas vezes, pela ação do homem, apresentam uma composição vigorosa, em contraste com a figura masculina, dado a força que expressam essas mulheres, em seu meio, bem como pela própria personalidade de cada uma, ou ainda pela intensidade das vivências frente a uma realidade árida.

O recorte abaixo ilustra, pela instância do narrador, o comportamento de Esteban Trueba, que tipifica, acentuadamente, todo autoritarismo machista da época (ALLENDE, 2004, p. 117):

Esteban gritava, enlouquecido, andando pela sala em largas passadas, esmurrando os móveis e argumentando que, se Clara pensava seguir os passos de sua mãe, podia esperar encontrar um macho firme, que lhe arriaria as calcinhas e lhe daria umas boas chicotadas para encerrar de vez a maldita mania de arengar às pessoas, e proibindo terminantemente as reuniões de oração ou de qualquer outra coisa e afirmando que ele não era nenhum babaca que sua mulher pudesse ridicularizar.

Pelo filtro da cinematografia (*A casa dos espíritos* – 1994, dirigida por Bille August), apresentam-se as personagens, por meio de uma linguagem diferente da literária, mas que retrata parte da obra literária. Observam-se alguns aspectos da cinematografia, como a incidência da luz/penumbra/foco, planos de apresentação das personagens; som/melodia e imagem, como forma de evidenciar ou não a construção da figura feminina, passando-se a fazer algumas reflexões.

Primeiramente, é importante ressaltar as diferenças na linguagem e nas cenas entre o filme e o livro. No filme, as palavras usadas pelos personagens são abrandadas. Sem uso de palavrões, as ironias, o altruísmo transcende até mesmo no caso de Esteban Garcia, que faz coisas com naturalidade, as quais são terrivelmente narradas no livro, como em uma das cenas de estupro e tortura de Alba.

No filme, a personagem em cena é Blanca e não Alba, sua filha, como retrata o romance. As imagens grotescas idealizadas pelo leitor são suavizadas na película cinematográfica, deixando subentendidas a continuidade e a culminância dos fatos. No livro, Alba é a heroína que defende ideais socialistas e sofre por isso em função do contexto histórico retratado literariamente, bem como pela fidelidade amorosa por

Miguel.

Assim, é possível apontar que as personagens Clara e Alba, especialmente, tanto na obra literária quanto no filme, representam, em gerações distintas, posições que rompem com os modelos socioculturais da época, em busca de sua identidade própria e conseqüente emancipação.

Allende apresenta em seu romance uma ampla visão sobre a história chilena do século XX, mas, mais que o momento histórico, ela coloca em cheque o poder da figura feminina e sua importância, marcando toda a narrativa com acontecimentos que retratam mulheres fortes que lutam pelo que acreditam. Criticadas e pouco valorizadas por uma sociedade conservadora, as personagens representam algo mais que feminismo, representam a luta da mulher e da sociedade contra a prepotência tipicamente masculina, altamente observada pela sociedade a que pertenciam.

Esta situação apresentada difere no cinema: a história só é contada até os sete anos de Alba, Miguel não aparece entre as personagens e quem sofre todo o tipo de assédio e tortura é Blanca, e a expectativa quanto ao desfecho amoroso se dá entre Blanca e Pedro Terceiro, não entre Miguel e Alba, como no filme.

Outra distinção refere-se ao enfoque idealista, mais precisamente quanto ao conformismo de Blanca em relação ao casamento com Jean, partido arranjado por seu pai, aceito por ela, no romance, mas não no filme, que a coloca como heroína, fiel ao seu amor por Pedro Terceiro, seguindo sua vida sem se casar por interesse e como mãe solteira. Essa postura sempre fora apoiada por Clara, na visão espiritualista do filme.

O diretor, no filme, utiliza uma série de recursos midiáticos para enfatizar as características das personagens, reportando-se a aspectos como: figurino, comportamento, sexualidade e espiritualidade.

Quanto à caracterização física, opta-se, aqui, por analisar o figurino e os modos de comportamento das personagens. Conclui-se que o diretor usa o contraste claro e escuro e o próprio modelo das roupas e os bons ou maus modos de comportamento em âmbito social, não somente para expor as diferenças entre as personalidades de Clara e Férula, mas também para exemplificar seus níveis de espiritualidade e a maneira que vivem em uma sociedade patriarcal e de opressão feminina. São, assim, exemplos dessas duas categorias de análise e do contraste de ambas, tanto na maneira de se vestir, como de se comportar.

Com relação à espiritualidade, são os acontecimentos sobrenaturais que evidenciam o grau e modo com que Clara vive sua fé. Para ilustrar tais acontecimentos, o uso do realismo mágico que torna o inacreditável em crível, é mais explorado na obra literária do que na obra cinematográfica. No que diz respeito à Férula, sua fé é sistematizada, ou seja, ela só cumpre os preceitos oficiais da Igreja Católica, sem deixar que isso abrande a amargura de sua alma. O livro e o filme revelam sua composição sombria, sendo mais acentuada no romance.

A vivência e a repressão da sexualidade refletem a visão das personagens

analisadas em relação ao seu papel na sociedade, ou seja, Clara vive sua sexualidade sem pudores e livremente com Esteban, refletindo a sua liberdade em uma sociedade machista e opressora. Férula, ao contrário, sendo solteira, reprime seus desejos sexuais, rotulando-os como impureza e pecado, extensão da maneira contida e conformada, ao menos para aqueles que a rodeiam, com os valores sociais de seu tempo, em que não cabia à mulher sentir prazer, mas somente satisfazer seu esposo.

Dado a sua tessitura e peculiaridades, há uma síntese da obra literária e dos próprios personagens, na versão cinematográfica. Além disso, há liberdade na própria composição do filme, que não precisa, obrigatoriamente, seguir a obra, podendo haver recriação no roteiro cinematográfico. Assim, em *A casa dos espíritos*, por exemplo, quem é presa e torturada é Alba e não a mãe Blanca, como no filme. Também se observa que o romance explora e destaca mais a força das mulheres das várias gerações: Blanca e Alba se dedicaram à ação política por convicção e não apenas por amor aos seus respectivos parceiros, Clara não se conformava com as atitudes machistas do marido e as injustiças praticadas por ele contra os camponeses. Nívea, avó de Blanca, — primeira feminista do país — lutava pelo voto das mulheres.

O romance possibilita ao leitor acompanhar melhor o resgate da força da mulher, ao passo que o filme, por meio da imagem, mostra o vestuário da época, contrastando os tons escuros e claros, além dos próprios modelos das roupas e os bons ou maus modos de comportamento em âmbito social. Com isso, romance e filme, respeitadas as suas diferenças, em termos de tessitura, cumprem com um propósito de mostrar o contraste da atuação masculina e feminina, em uma época em que o homem, através da figura de Esteban Trueba, é valorizado exatamente pela sua atuação autoritária e machista, enquanto que a mulher, por meio de personagens como Nívea, Clara, Blanca e Alba, representa a luta pela liberdade feminina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, que dá continuidade à investigação sobre literatura e cinema, proposta em projetos anteriores, busca, agora, focar as questões de gênero, com o intuito de aprofundar ainda mais as reflexões, no eixo dos estudos comparados. É necessário destacar ainda que a pesquisa traz indicadores sociais e culturais, apresentando uma contribuição científica de interesse, não só da área de Letras, mas de outras áreas nas quais a linguagem ocupa espaço de relevo, já que trata de uma questão identitária da luta da mulher, na busca pelo seu espaço e valorização no contexto social, no qual está inserida.

Dessa forma, o componente da linguagem, como centro da elucidação a que se busca, aponta para a relevância da proposta de pesquisa, pela sua pertinência, nos estudos literários e cinematográficos, além de trazer à tona indicadores sociais e culturais, contribuindo assim para aprofundar a cientificidade, na área das linguagens.

A obra de Allende recorre ao realismo mágico para colocar lado a lado questões do real e do imaginário, ao mesmo tempo em que expressa a subjugação da mulher, bem como posturas de mulheres que lutam pela emancipação, que participam de questões sociais, culturais e políticas que constituem a sociedade da época do enredo, que permite somente ao homem espaços de poder e à mulher apenas o espaço das relações da família.

Percebe-se a riqueza da criação literária de Allende, bem como de suas intenções de ordem política, por meio de suas ricas personagens, ensejando inúmeros estudos e considerações sobre as vozes, a identidade e a cultura dessas mulheres tão importantes e pouco valorizadas pela sociedade e que buscam até hoje seu espaço social.

Constata-se que a película cinematográfica não faz um enfoque tão marcante na construção das personagens femininas, quanto é demonstrado no romance. A luta pela valorização das mulheres que se verifica, no livro, é em parte substituída pela figura masculina, no filme, pois o personagem Esteban é quem rouba a cena, como coloca a crítica, de um modo geral. Dessa forma, percebe-se que a figura feminina que há muitos anos vem lutando pelo seu espaço e valorização, está aos poucos avançando, mas ainda se encontra diante de uma sociedade predominantemente machista.

Por fim, cumpre ressaltar que romance e filme cumprem com maestria com o seu papel social e cultural, considerando que se tratam, respectivamente, de artes diferenciadas, com suas particularidades e características próprias, embora se complementem pela perspectiva da intertextualidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Carla Rosane da Silva Tavares; CONTRI, Andréia Mainardi; CAMARGO, Maria Aparecida Santana. Literatura & Cinema: a perspectiva do feminino. **Revista Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão**, Cruz Alta V. 02 nº 1, 2014. Disponível em: <<http://revistaelectronica.unicruz.edu.br/index.php/electronica/article/view/1737>> acesso em: 02 maio 2015.

ALLENDE, Isabel. **A casa dos espíritos**. (1982). (Tradução de Carlos Martins Pereira). Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2004.

AUGUST, Bille. **A casa dos espíritos**. [Filme-vídeo]. Produção de Bille August. Estados Unidos, Costa do Castelo Filmes, 1993, 1 cassete VHS, 140min. color. Son.

AVELLAR, José Carlos. O chão da palavra: cinema e literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

CONTRI, Andréia Mainardi & ALVES, Carla Rosane da Silva Tavares. **Literatura, cinema e práticas socioculturais**. In: XVI Seminário Internacional de Educação no Mercosul, 1, 2014 Cruz Alta. Anais. Cruz Alta: UNICRUZ. Disponível em: <<http://unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2014/DIREITO%20%20OPINI%C3%20E%20%20EXPRESS%C3%20ARTIGO/artigo%20%20Literatura,%20cinema%20e%20praticas%20socioculturais>>. Acesso em: 01 maio 2015.

CONTRI, Andréia Mainardi & ALVES, Carla Rosane da Silva Tavares. **A casa dos espíritos: literatura e cinema - personagens femininas, no âmbito da análise comparada**. In: XX Seminário

Interinstitucional, 1, 2015 Cruz Alta. UNICRUZ. Disponível em: <[https://home.unicruz.edu.br/seminario/anais/anais2015/V%20SEMIN%C3%81RIO%20DE%20INICIA%C3%87%C3%83O%20CIENT%C3%8DFICA%20\(FAPERGS%20E%20CNPQ\)/PIBICCNpq/A%20CASA%20DOS%20ESPIRITOS%20LITERATURA%20E%20CINEMA%20%20PERSONAGENS%20FEMININAS%2C%20NO%20AMBITO%20DA%20ANALISE%20COM.pdf](https://home.unicruz.edu.br/seminario/anais/anais2015/V%20SEMIN%C3%81RIO%20DE%20INICIA%C3%87%C3%83O%20CIENT%C3%8DFICA%20(FAPERGS%20E%20CNPQ)/PIBICCNpq/A%20CASA%20DOS%20ESPIRITOS%20LITERATURA%20E%20CINEMA%20%20PERSONAGENS%20FEMININAS%2C%20NO%20AMBITO%20DA%20ANALISE%20COM.pdf)>. Acesso em: 01 out 2018.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2000.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Realismo e anti-realismo na literatura brasileira na era colonial**. 2 ed. São Paulo, Cultrix, 2000.

GENETTE, G. **Narrative discourse**: an essay in method. Ithaca: Cornell University Press, 1980.

OLIVEIRA, Daniela Garces & CARELI, Sandra da Silva. **Cinema e literatura**: dois produtos culturais que constroem um discurso. Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder.

Florianópolis, 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST52/OliveiraCareli_52.pdf. Acesso em: 02.mai.2015.

DINIZ, Ana Maria. **A catalisação do feminino no universo da ficção e da memória em Gabriel García Márquez**. (Tese de Doutorado), Porto Alegre: UFRGS, 2009.

SCHIMIDT, Rita Terezinha. (Org.). **Mulheres e Literatura (trans)formando identidades**. Porto Alegre: Palotti, 1997.

STAM, Robert. **Introdução à teoria do cinema**. Tradução de Fernando Mascarello. Campinas: Papirus, 2006.

TURNER, Graeme. **Cinema como prática social**. Tradução de Mauro Silva. São Paulo: Summus, 1997.

WELLEK, René & WARREN, Austin. **Teoria da literatura**. 3 ed. Lisboa, Publicações Europa-américa, 1976.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-100-8

